

# Como vai nossa taxa de independência

*O intrincado jogo da política dos interesses internacionais gera um quadro de interdependência em nível mundial*

O intrincado quadro de alianças da política internacional — que, após as duas mundiais, transformou o mapa geopolítico da Terra num complicado taboleiro de xadrez — obrigou a uma revisão profunda da terminologia ufanista. Antes de mais nada, não se pode mais falar em independência em termos absolutos. Tal como a democracia de nossos dias, a independência é relativa. Ou melhor, sobrevive num complexo quadro geral de interdependência.

O sistema financeiro internacional determina, de fora para dentro, as políticas de cada Governo. Compromissos e alianças de blocos políticos orientam e condicionam previamente as decisões dos países no campo diplomático. Em resumo, o espaço de autonomia que resta a cada País — e que varia de

acordo com sua importância no conjunto das nações — é sempre bem mais estreito do que faz supor a retórica de seus governantes. Dentro desse contexto, como vai o Brasil?

Levando-se em conta sua condição de País do Terceiro Mundo — e, como tal, sujeito às instabilidades e ao vaivém da política dos Países Ricos — é indiscutível que atingimos um razoável grau de autonomia. O suficiente para que a comemoração da independência não soe como um ritual utópico. Somos mesmo, entre as nações do mundo pobre, das que possuem maior taxa de independência. E essa ampliação de nossa margem de autonomia, sem dúvida, atingiu os maiores níveis de toda nossa história na última década. Foi o Brasil o

primeiro país do mundo a reconhecer a independência de Angola. É também, de todas as nações em desenvolvimento, a única a possuir uma política externa adulta, sem alinhamentos automáticos, sem submissão prévia, dentro do princípio de que “um país não tem amigos; tem interesses”.

No campo econômico, apesar de nossa insuficiência em petróleo, continuamos a crescer, a saldar nossos compromissos e a merecer fé de nossos credores. E isso não é pouco: haja visto os exemplos do México e da Argentina, países autossuficientes em petróleo (o México, inclusive, é exportador), que não resistiram ao recrudescimento da crise e estão à beira da insolvência. O Brasil não pretende renegociar sua dívida externa, não condicionou suas políticas à orientação do

FMI e, o que é mais importante, reclamará, na ONU, pela voz do Presidente Figueiredo, contra as medidas protecionistas dos países ricos. Ontem, na reunião do FMI, o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, antecipou a tônica do pronunciamento de Figueiredo (ver Página 9).

Hoje, 160º aniversário do Grito do Ipiranga, é tempo de um balanço do quadro geral de nossa independência, num mundo convulsionado pela maior crise do século. Os repórteres Liana Sabo, José Bernardes e Marcone Formiga, do CB, mostram o Brasil pelo ângulo da política externa e da política econômica, registrando o que foi e está sendo feito para assegurar nossa soberania em áreas tão vulneráveis aos cataclismos do taboleiro de xadrez da política internacional.